

BETTIOL, Maria Regina Barcelos. *A escritura do intervalo: a poética epistolar de Antônio Vieira*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2008. 250p.

Camila Ferreira BRAGA\*

A obra de Maria Regina Barcelos Bettiol, resultado de sua pesquisa de doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e em Littérature Générale et Comparée à l'Université Sorbonne Nouvelle Paris III, apresenta em sua completude a escritura epistolar do Padre Antônio Vieira. Através da análise das cartas deste jesuíta, Maria Regina Bettiol traz à luz um sujeito do século XVII de muitas funções e papéis e com uma diversidade de conhecimentos e virtudes, sendo o pioneiro para a formação da Literatura e Língua Portuguesa Brasileira, adjetivado por Fernando Pessoa como o “Imperador” (p. 220) da Língua Portuguesa. Bettiol cria a partir da correspondência de Antônio Vieira um cenário do Brasil Colonial, principalmente no que se refere à Companhia de Jesus, indicando-nos que através de sua escrita pode-se estudar a formação histórica, cultural, política, antropológica, teológica do Brasil.

A pesquisa de Bettiol analisou 729 cartas, sendo 710 compiladas na edição (1925) realizada por João Lúcio de Azevedo e 19 encontradas posteriormente. As cartas de Vieira foram divididas em três eixos temáticos que estruturam a pesquisa de Bettiol. No primeiro capítulo apresenta-se “O Pacto Epistolar”, os primeiros anos do padre como missionário no Brasil. O segundo intitulado “No Intervalo de Dois Mundos: o espaço da literatura exílica”, reflete o momento no qual Antônio Vieira passou por um longo processo inquisitorial. No terceiro capítulo, “Antônio Vieira: o escritor encoberto pela batina”, Bettiol delinea a fase final da sua existência e a dedicação de seus escritos à posteridade.

A autora começa apresentando uma reflexão histórica da fundação e implantação da Companhia de Jesus, que lançou os chamados “soldados de cristo” para disseminar as ideias do cristianismo e os projetos da coroa portuguesa no Brasil. Os padres jesuítas foram os responsáveis e precursores do que podemos chamar de *globalização*, uma vez

---

\* Mestranda em História – Programa de Pós-Graduação – Universidade Federal do Amazonas (UFAM) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, CEP: 69077-000, Manaus, Amazonas – Brasil. Bolsista CNPq. E-mail: [camila\\_braga8@yahoo.com.br](mailto:camila_braga8@yahoo.com.br)

que, através de suas cartas buscaram encurtar as distâncias e esta escrita fez surgir novas cartografias, possibilitando uma comunicação rotineira e intensa.

As cartas jesuítas fazem parte da denominada *Nova Epistolografia*. Inácio de Loyola, o fundador da Companhia de Jesus em 1540, indicou a correspondência como pedra fundamental da companhia, estabelecendo um pacto epistolar com políticos, reis e todos os pensadores e autoridades. A troca epistolar buscava manter em atividade a troca de conselhos, reivindicações e diversos assuntos de interesse da Companhia de Jesus. Para isso, elaborou um modo adequado de escrita de cartas, chamada por Maria Regina Bettiol de metaepístola (p.26), que tematizava o modo adequado de escrever cartas.

Antônio Vieira Ravasco: padre, soldado, diplomata, sermonista, pensador, polemista, homem de letras e de múltiplas faces, cuja produção escrita dá nascimento ao Brasil, sendo mediadora de dois mundos (Brasil e Portugal), no cruzamento não somente de textos e literatura, mas de culturas, de espaços e temporalidades que impulsionaram a formação de uma mentalidade e um imaginário no espaço de representação que incluem crenças, costumes, hábitos de uma determinada época.

No primeiro capítulo, Maria Regina Bettiol expõe o gênero epistolar do padre Antônio Vieira como em permanente processo de ressimbolização e ressignificação. De modo geral a autora expõe que o gênero cartas, nesse sentido, são vistas como meio de produzir certos efeitos sobre os leitores, persuadindo-os a determinadas funções. A autora reivindica as cartas como arquivo literário, “cartas vivas”, diante da dimensão de subjetividade, já que a carta compreende uma seleção, recorte, de personagens, paisagens, fatos, em que sua a narrativa revela o filtro da subjetividade daquele que escreve.

Para Bettiol, Vieira apresenta-se na carta como um remetente discreto, prudente e elegante no que escreve. Escrever para Vieira foi uma maneira de substituir sua presença física, de se fazer lembrar, tentando abolir a ausência e aproximar as pessoas, através de um discurso dos ausentes. Além de manter vínculo afetivo com seu país de origem, de recordar a pátria perdida, já que por um largo período de tempo esteve em diversos espaços geográficos, fazendo-se conhecer pelo seu nomadismo, além de cumprir sua obrigação de Jesuíta, já que eram obrigados a escrever cartas.

A autora estudou a escritura epistolar de Antônio Vieira por duas chaves de análise: *a poética*, descrição teórica do gênero e as formas que ela utiliza; e *a crítica*, a leitura interpretativa do texto epistolar de Vieira. A relação texto poético e contexto

histórico estão completamente interligados, uma vez que a história não só circunda o texto epistolar, como é parte constitutiva do mesmo, sendo que as cartas apontam uma realidade múltipla em manifestações e plural em linhas de mundo simbólico.

No que se refere ao protocolo das cartas, Maria Regina Bettiol expõe que as cartas dos jesuítas seguiam o modelo prescrito por Cícero em *Oratio*, no qual as cartas dividiam-se em partes específicas: saudação, captação da benevolência, narração, pedido e conclusão. Para Cícero as cartas estavam classificadas em familiares, de negócios, deliberativas, além das cartas sobre mortes e cartas judiciais. Porém, as cartas não necessariamente obedeciam a uma única e exclusiva tipologia, podendo reunir características próprias.

Em relação a conservação destas cartas, Maria Regina Bettiol elucida que o arquivamento e preservação das correspondências pressupõem a construção de uma memória, logo, as cartas constituem-se em *arquivos vivos*, assinalando a impessoalidade da história e a figura humana dos que escreveram. Seguindo a concepção da autora, a memória presentifica o ausente, resgatando sua presença. As cartas de Vieira renovam sua memória, fazendo-se impossível o esquecimento do passado (p.66).

Para Bettiol, a obra de Vieira faz parte da chamada “era luso-brasileira”, pois é representante de dois territórios, de duas vozes, por isso a escritura de Vieira pode ser entendida como uma escritura desterritorializada, do deslocamento no duplo sentido: territorial e subjetivo. É nesta perspectiva que a autora procede no capítulo “No intervalo de dois mundos: o espaço da literatura exílica”.

Neste capítulo, Antônio Vieira é analisado com o título de geógrafo literário por excelência. No período no qual Vieira expressa em suas cartas a sensação de se sentir fora do lugar, e de fato isso acontece, pois representa o período em que Vieira passa por um processo conflituoso, envolvendo muitas questões, como as étnicas e judiciais, vivendo múltiplas formas de exílios. É também tratado como mediador cultural, agente do império português, uma vez que transfere elemento da cultura portuguesa para o então, desconhecido Brasil que se fazia conhecer. Vieira impôs os ensinamentos cristãos da Igreja Católica a todos os que habitavam o Brasil. Nesse sentido, as cartas de Vieira passam a retratar uma literatura paisagística, cujas imagens propagam um conjunto de ideias sobre o estrangeiro, como em relação: aos índios, negros, cristãos novos, colonos portugueses e jesuítas. Portanto, as cartas são tratadas com uma pluralidade de elementos literários que passam a ser nomeada de *prosa ficcional*.

Em relação à literatura de exílio, Vieira é relatado por Maria Regina Bettiol, como quem experimentou a angústia de se sentir fora do lugar, vivenciou dois exílios: o exílio, no sentido de se deslocar para muitos lugares; e o exílio interior, conceito ampliado pela autora, caracterizado por um processo de alienação, no qual Vieira não se identifica com a ordem vigente, vivendo, desta forma, uma vida paralela ou uma forma de resistência em não se deixar contaminar pelo meio social no qual estava inserido.

É nesse espaço intermediário de dois mundos que a escrita epistolar de Antônio Vieira é construída, nesse espaço de exílio. Primeiro, mostra em suas cartas, logo que chega no Brasil, a situação exílica do próprio território brasileiro, através do fragmentado processo de ocupação do espaço. Em contato com novas subjetividades em espaços de alteridade, a escrita de Antônio Vieira acontece da periferia para o centro, em um deslocamento do eixo cultural, relatando experiências, valores e sentidos, descrevendo o Brasil não só como viajante, mas como habitante. Antônio Vieira transforma-se em própria paisagem do novo mundo, criando entre os dados paisagísticos do novo território e a sua subjetividade, um terceiro espaço, uma paisagem *ficcionalizada* (p.84). No segundo momento, em que se dissolve essa primeira etapa, a escrita de Vieira agrega outros conteúdos ao Novo Mundo: palco de pestes, fomes e guerras; e a busca pelo reconhecimento do trabalho prestado pela Companhia de Jesus no processo civilizatório.

Quando Antônio Vieira vive o processo inquisitorial, no mesmo período em que há a expulsão dos jesuítas do Brasil, a leitura e a escritura serão os únicos antídotos contra o desespero, os exílios e as mudanças radicais que vinha atravessando, principalmente, no que diz respeito ao terreno emocional. Mas, será nesse momento que Vieira irá escrever suas principais obras que se dão fora das fronteiras de seu respectivo território, é a chamada, por Bettiol, de escrita desterritorializada, colocando em questão a cidadania de seus textos.

Por fim, no terceiro capítulo, “Antônio Vieira: o escritor encoberto pela batina”, o eixo central está na descortinação da poética epistolar de Vieira, de sua reflexão acerca da linguagem e o que vai caracterizá-lo enquanto escritor. A autora aborda todo o processo da produção da escrita de Vieira até ao seu fim debilitado, quando o escritor já não consegue escrever, e assim, concluir suas obras, precisando de outras mãos para que pudessem, ao menos, manter por um curto período, suas correspondências.

Maria Regina Bettiol enfatiza que o padre Antônio Vieira é personagem que povoa o imaginário popular, pois não foi o grande missionário jesuíta que tornou

famoso o escritor, mas o escritor Antônio Vieira que eternizou o personagem padre Antônio Vieira. Através de sua pena reivindicou pela causa da escritura, gerando sempre polêmicas, uma delas era o fato dos portugueses serem tão avarentos de palavras, deixando-o inconformado. É através de suas cartas que se mostra como o escritor Antônio Vieira atuava, expressando suas angústias e escolhas.

Alfredo Bosi considerou Antônio Vieira como o estupendo artista da palavra. Vieira é um dos precursores da Literatura Portuguesa, influenciando muitos escritores na posteridade. Vieira escreveu muito e sobre muitas coisas, assim, a revisão dos seus textos era sua palavra de ordem. Nesse sentido, o escritor Antônio Vieira não se limitou em reescrever e reatualizar seus escritos, Bettiol nos mostra que sua escrita começou pelos rascunhos.

Além de escritor, Antônio Vieira também foi crítico, de si mesmo e de outros autores, sendo bastante rigoroso nas suas avaliações. Maria Regina Bettiol esclarece que nem tudo que escreveu, foi aceito pelas instituições que representava, sendo muito censurado e censor de outros livros. Em relação à escrita de cartas, Bettiol mostrou o interessante exercício de tradutor praticado por Vieira, adotando procedimentos tradutórios específicos para os textos.

No final de sua vida, já muito debilitado, Antônio Vieira ditava seus textos para serem escritos por mãos alheias, sendo vistos por Maria Regina Bettiol, como escritos sobre palimpsesto, uma vez que guarda o resíduo de outras mãos. Vieira destacou-se como bibliófilo e bibliotecário. Para Vieira era preciso, antes de tudo, ler. Em suas estantes estavam presentes livros de clássicos e de seus contemporâneos, revelando sua personalidade e seu perfil perante a sociedade.

O cruzamento de textos canônicos e seculares fez nascer a matéria-prima da escritura epistolar de Antônio Vieira. Suas cartas passam pela intromissão de outros gêneros, como a trova, daí a noção de intertextualidade que permeia a escrita de Vieira. Sua obra, segundo Bettiol, pode ser analisada como carta aberta demonstrando a permissão de múltiplos sentidos possíveis, ou seja, uma pluralidade de significados que coexistem num só significante. Quanto ao seu inacabamento, a obra parece reivindicar um duplo estatuto ou uma dupla identidade – documento e monumento.

Portanto, como esboça Bettiol, Vieira é um artista da arte verbal, soube manipular a linguagem como poucos, escrevendo muito sobre muitas coisas, além de conhecer muito sobre muitos assuntos e ter vivido várias experiências. No livro *A escritura do intervalo: a poética epistolar de Antônio Vieira*, Maria Regina Bettiol apresenta as

múltiplas faces de um sujeito do seu tempo, que deixou muitas escritas nos 89 anos que viveu. Para Bettiol, aqueles que se debruçam sobre a história de Vieira, podem identificar o quanto o jesuíta se perpetua vivo em suas escritas.

Resenha recebida em 30/09/2013. Aprovada em 11/03/2014.